

Entre o Olhar de Medusa e o Voo de Perseu: Experiência Limite da Autoria de Simone de Beauvoir

Vanuza Souza e Silva

Resumo: Este texto faz uma discussão histórica sobre a construção da autoria de Simone de Beauvoir e o impacto dessa autoria no Brasil, ao mesmo tempo em que mostra os limites, a experiência–limite de quem se faz autor e da linguagem que significa toda autoria. A escritura existencialista e feminista de Simone de Beauvoir na década de quarenta do século XX na França, institui-se como um lugar de questionamento e de luta na trajetória da autora. Pensar a autoria como um papel social ou mesmo como uma construção histórica na perspectiva de Foucault e Blanchot, significa pensar muito mais os vazios, as brechas que toda obra/autoria imprime, ampliar o regime discursivo sobre outros conceitos e efeitos de verdade que toda linguagem autora cria pra si. No Brasil, Simone de Beauvoir é a referência do movimento feminista da segunda metade do século XX. As feministas escritoras criaram uma relação de espelhamento com os escritos de Beauvoir e a tornaram *a escritora* do feminismo. Essa identificação em grande medida cria um olhar que fixa, petrifica a escrita da autora, visto que sendo também romancista, pouco se leu e se falou da escrita literária de Beauvoir. Como forma de materializar a luta das feministas na segunda metade do século XX, o discurso feminista de Beauvoir se torna um dispositivo para questionar a cultura da escrita masculinizante e revolucionar a trajetória de mulheres escritoras no Brasil. Mas entre as estratégias do feminismo de Beauvoir, a literatura também define sua obra, seu estar no mundo, no entanto é

* Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: vanuzaz@hotmail.com

esse o vazio que se inscreve quando a autoria de Beauvoir é explicada apenas pelo discurso feminista. A invenção da autoria de Simone de Beauvoir no Brasil limita então a revolução que sua escrita criou, petrifica leitores e gerações a buscar apenas as essências feministas na máquina escrituraria da autora. Nas páginas múltiplas de seus textos outros sentidos e sonhos esvoaçam o desejo-autora, alada pelas sandálias de Perseu a luta de Beauvoir afeta também o campo da literatura e da filosofia existencialista contra toda armadilha de amarra, prisão e definição, porque esta sim foi sua maior revolução: escrever a liberdade!

Palavras-chave: Autoria. Feminismo. Discurso. Literatura. Existencialismo.

Abstract: This text gives a historical discussion on the building designed by Simone de Beauvoir and the impact of authorship in Brazil, while showing the limits, the limit-experience of who becomes the author and language means that all authorship. The deed existentialist and feminist Simone de Beauvoir in the forties of the twentieth century in France, establishing itself as a place of questioning and struggle in the path of the author. Thinking of authorship as a social role or even as a historical building from the perspective of Foucault and Blanchot means thinking more voids, gaps that every work / authoring prints, extend the scheme to other concepts and discursive effects of truth that all language author creates for himself. In Brazil, Simone de Beauvoir's reference to the feminist movement of the second half of the twentieth century. The feminist writers have created a mirror relationship with the writings of Beauvoir and feminism became a writer. This identification largely creates a look that fixes petrifies the writing of the author, as being also a novelist, is little read and talked of writing literary de Beauvoir. As a way of materializing the struggle of feminists in the second half of the twentieth century, de Beauvoir feminist discourse becomes a device to challenge the culture of writing masculinizing and revolutionize the lives of women writers in Brazil. But between the strategies of feminism of Beauvoir, the literature also defines his work, his being in the world, however this is the gap that falls when the authorship of Beauvoir is explained only by feminist discourse. The invention of the author Simone de Beauvoir in Brazil limits then the revolution that created his writing, readers petrifies and generations to get just the

essentials in the feminist machine clerk of the author. In the pages of his texts multiple other senses and the desire dreams flit-author, the winged sandals of Perseus to fight Beauvoir also affects the field of literature and philosophy of existentialism against every snare of the Moors, prison and definition, but because this was his greatest revolution: the freedom to write!

Keywords: Authorship. Feminism. Discourse. Literature. Existentialism.

1949, cinco anos após a segunda guerra mundial, acontecimento que colocava em questão os nacionalismo dos países que participaram da guerra na Europa, uma autora ainda pouco conhecida na França, Simone de Beauvoir, filósofa e professora, publica *O Segundo Sexo*¹, um livro ensaístico sobre a condição da mulher, principalmente na França e no qual lança a tese de que a mulher culturalmente foi ensinada a ser o outro, a ser inferior ao homem, sua proposta seria fazer a mulher perceber sua situação histórica para que a mesma encontrasse o caminho da libertação. Leitora de Hegel, o livro em suas longas páginas reproduz a teoria do dominador e dominado. Ao mesmo tempo seguidora da teoria existencialista, a autora vai defender no mesmo projeto de escrita a ideia de que o ser mulher só encontraria sua libertação quando conseguisse se projetar para o fora de si, como defendia a teoria existencialista do seu contexto.

O que O Segundo Sexo consegue romper, mudar? Que especificações aquele discurso cria? O que aquele livro descontinua ou singulariza numa França ainda marcada pela violência da guerra? O que uma obra como aquela consegue movimentar e inquietar não somente nos seu meio cultural como em outras culturas? O que consegue no final das contas os escritos daquela autora?

Simone de Beauvoir escreveu romances, ensaios e memórias, antes da obra de maior visibilidade, *O Segundo Sexo*, dentre elas, *A convidada* (1943)², um romance que trata de um triângulo amoroso no período da segunda guerra, no qual a autora vai mostrando os dilemas, as decepções e ciúmes da protagonista Françoise. **O sangue dos outros,**

1 BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 1. v. São Paulo: Linoart, Ltda., 1949.

2 BEAUVOIR, Simone. *A Convidada*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

3 BEAUVOIR, Simone. O sangue dos outros. São Paulo: Difusão européia do Livro, 1969.

4 BEAUVOIR, Simone. Todos os homens são mortais. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

5 BEAUVOIR, Simone. Pyrrus et Cineas. Porto Alegre: Gallimard, 1944.

6 BEAUVOIR, Simone. Por uma moral da ambigüidade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

7 BEAUVOIR, Simone. América dia a dia. Lisboa: Arcádia, 1947.

8 DELEUZE, G. Conversações. São Paulo: 34. (Coleção TRANS), 1992, p. 17.

9 FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: __O que é um autor? 6. ed. Lisboa: Nova Vega, 2006, p. 268.

seu segundo romance (1945)³, no qual a trama trata da história de um(a) membro(a) da resistência, Jean Blomart, que vivenciava os conflitos entre o engajamento social e a liberdade pessoal, livro no qual a teoria da libertação defendida pelo existencialismo vai se fazer presente de forma significativa. O terceiro romance dessa fase é intitulado *Todos os homens são mortais*⁴, no qual o personagem principal, o Conde Fosca, que vive na idade média toma um elixir da imortalidade. O personagem atravessa todas as épocas e chega até a modernidade onde reflete sobre alguns valores humanos, como exemplo, a ambição, o poder, a imortalidade e outros. Antes também do famoso *O segundo sexo*, Beauvoir tinha escrito outros ensaios: *Pyrrus et Cineas* (1944)⁵ no qual debate que a ausência de Deus, incitou o homem a criar projetos existencialistas de ética para alcançar a tão sonhada liberdade, que para existir no indivíduo, precisa ser pensada também no plano coletivo e social; e *Por uma moral da ambigüidade*⁶, em que discute com maior clareza o projeto da teoria existencialista, defendendo que é na liberdade que se encontra o princípio da ética e da conduta humana. O último livro, portanto que antecede *O Segundo Sexo é América dia a dia* (1947)⁷ no qual a autora em forma de testemunho narra não só a sua estadia de quatro meses nos Estados Unidos, como também escreve o seu desejo de conhecimento sobre outro continente.

Somente com a publicação de *O Segundo Sexo*, Beauvoir consegue afetar os valores de sua sociedade, atingir o patriarcalismo de sua cultura, como também de outras culturas, como a do Brasil. Numa sociedade desolada por um nacionalismo abalado pelo pós-guerra, Beauvoir ao criticar valores como a guerra e o capitalismo, ocupa um lugar de autoria que será pensado a partir de dois extremos: Ora é percebida por parte de um grupo de mulheres e feministas como o mito de libertação, ora é vista e dita pelos conservadores de direita, como a mulher que estava corrompendo os valores franceses.

Este texto, diferente de muitos trabalhos sobre a autora, não busca o sujeito Beauvoir nas suas obras. A caminhada é muito mais complexa. Esta não se encontra exatamente nas suas escrituras, porque como afirma Deleuze⁸ toda escrita é um fluxo e como explica Blanchot⁹, a escrita é o lugar de esvaziamento

do próprio autor, a autoria escreve o desaparecimento do autor. Não é esse, porém, o movimento que encontramos nas leitoras de Beauvoir.

Este trabalho é uma análise da obra-autoria de Simone de Beauvoir e o impacto de sua escrita no Brasil. É uma continuidade em parte com as pesquisas do mestrado, fazendo de uma escrita feminina mais uma vez o objeto de pesquisa, já que naquele momento pesquisei vida-obra de Lourdes Ramalho, uma escritora do Rio Grande do Norte, que se assumia feminista e combatente à cultura fálica da região Nordeste, desde os anos 60.

Com esta pesquisa tenho a oportunidade de mais uma vez analisar os escritos de uma mulher, mas criando dobras, flexionando os caminhos que irei seguir e me descontinuando. Farei nesta outra etapa a análise de uma escritora francesa, a qual mobilizou a escrita na época em que escreve não só de seu país, mas de países como o Brasil em meados dos anos 60. Uma filósofa que entre a prática existencialista e comunista, usa a força da escrita para combater o mundo católico, machista, burguês do qual se dizia ser o *fora*. Foi o seu discurso feminista, porém, que se cristalizou principalmente no período pós guerra e mais ainda nos anos 60, discursividade que acaba silenciando preocupações outras de sua obra, como a condição política do social, tema da velhice, a própria análise histórica dos movimentos socialistas e comunistas.

Quero pensar com esta pesquisa outras possibilidades de leitura da obra da autora. Além de ensaios, a autora escreveu romances e quis dar conta de sua vida em memórias. As memórias e os romances acabam ultrapassando o lugar de feminista que lhe foi atribuído por que neste dois modelos de escrita, a autora ultrapassa sua preocupação com o feminino, o feminino oprimido, abrangendo temas existencialistas, sociais, religiosos e políticos.

Simone de Beauvoir não só ultrapassa sua própria obra, como também consegue extrapolar os arranjos de sua cultura e mobilizar outras práticas culturais como ocorreu no Brasil dos anos 60, contexto no qual as feministas militam apoiadas também nas teorias de Beauvoir. Esta pesquisa se realizará através da análise

dos livros da autora, da escrita dos jornais brasileiros, localizados principalmente em Recife, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo e das escritoras brasileiras que se inspiraram nos textos da escritora francesa. A passagem da autora francesa pelo Brasil nos anos 60, junto com seu companheiro Sartre, torna-se um “marco” entre o casal intelectual e os intelectuais brasileiros, como ocorre com Jorge Amado que já mantinha contato com a filosofia dos franceses. As palestras da autora nas faculdades pernambucanas, as entrevistas para os jornais cariocas e paulistas e pernambucanos aprofundam essa relação de força e espelhamento das ideias que o contexto intelectual dos anos 60 vivenciava. Trata-se da análise da produção de uma autoria, porque pensar uma autoria aqui será pensar as regras, as condições que tornaram possível o “aparecimento” de Simone de Beauvoir, mas ao mesmo tempo, como essa obra foi lida e recebida no Brasil, pelas escritoras brasileiras. Mas esta não é uma busca por uma origem ou originalidade, nem tampouco a busca pela autoria inicial, pretendo percorrer as condições históricas de possibilidade do seu discurso, mas principalmente da afirmação de sua autoria no Brasil. **Como foi possível Simone de Beauvoir se tornar um modelo de escritora, de intelectual engajada na cultura brasileira?**

Dentre os estilos e inúmeras obras escritas, é *O Segundo Sexo* que principalmente no Brasil consegue ser a leitura que irá movimentar as escritoras dos anos 60 e 70 no Brasil. Tal obra escrita num período no qual a França vivenciava as crises de valores como o nacionalismo e em que as práticas comunistas e marxistas de esquerda questionavam muitos dos valores da cultura francesa. A obra de Beauvoir surge nesse espaço de crítica ao próprio nacionalismo francês, de crítica a um do modelo de homem/mulher francês/francesa, de homem/mulher universal.

Os discursos, como diz Foucault, são acontecimentos. No Brasil *O Segundo Sexo* conseguiu ser para as feministas uma livro fundamental para a mudança de pensamento, mesmo sendo a cultura brasileira marcada por uma prática política conservadora. Os arquivos, os jornais brasileiros criaram uma dada visibilidade sobre Simone de Beauvoir e seus textos. Lygia Telles, Marlise de Matos Almeida, Alda Mota

são nomes de algumas escritoras feministas que nos anos 60 se inspiraram no projeto de escrita de Beauvoir.. Em *Três Facetas de uma Escritora* Walnice Galvão escreve¹⁰

As escritoras que mencionam Beauvoir como uma leitura fundamental em sua formação intelectual, atribuem à escritora francesa a ideia de que ela desnaturalizou a condição da mulher, no Brasil e no mundo. Mas o que fazem essas escritoras quando buscam a autora, o sujeito Beauvoir? Não seria o movimento contrário do que acreditam ser a desnaturalização de uma condição social e intelectual? Para muitas escritoras feministas brasileiras, Beauvoir foi a primeira a discutir gênero, antes mesmo desse conceito ser parte de uma discussão das feministas., isso porque as feministas dividem a história do feminismo em três grandes movimentos, o primeiro em busca do sufrágio universal, localizado nos anos vinte do século XX; a segunda fase nos anos 60 quando há uma luta e questionamento aos valores patriarcais, a conquista da legalização do aborto, da pílula anticoncepcional; e a terceira fase, a que se inicia nos fins dos anos 70 e 80 com a busca pela história das diferenças entre as mulheres e o questionamento ao conceito de gênero, principalmente nos anos 90 pela feminista Judith Butler.

O nome Beauvoir entre os anos 60 e 80 no Brasil acabou pedagogizando práticas feministas e de escritas femininas. Criada pelas escritoras como um mito de mulher libertária, Beauvoir significou aqui *écriture libérté* para as mulheres intelectuais. Para estas a obra explica a vida da autora, a vida explica sua obra numa sintonia de causa e efeito. Fruto dos anos 80, o NEIM, a Revista PAGU, a Revista Feminista são projetos materializados de lutas feministas, que inspiradas em sua maioria no projeto de Beauvoir modificaram escrituras no Brasil. Esse projetos criaram na verdade uma dada maneira de ver/ler Beauvoir. Como lembra Foucault, a autoria é uma função social que regulariza e disciplina as discursividades que a constitui. Simone de Beauvoir é um nome que controla e dita o que deve ser lido e como devem ser lidos seus textos. Ao invés de dizer o que é a obra de Beauvoir, será preciso pensar, como foi possível a condição de sua autoria.

10 De Simone Beauvoir sempre vale a pena lembrar que, antes dela e de seus escritos, nada havia para orientar as mulheres em busca de sua condição e quanto a diferença que esta implica. Se não fosse ela, nem saberíamos que certos assuntos que nos preocupavam eram dignos de reflexão (CHAPERON, S. Auê sobre O Segundo Sexo. Cadernos Pagu (12), São Paulo, Campinas: UNICAMP, 1999, p. 65).

11 FOUCAULT, Michel. 2006, Op. cit. p. 274.

Conforme sugere Foucault o nome do autor funciona para caracterizar certo modo de ser do discurso (...) esse discurso não é uma palavra cotidiana, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que em uma dada cultura, receber um certo status¹¹.

A autoria de Beauvoir, mas também as autorias de quem nela se inspiram, são significantes não só pelo conteúdo, mas pelo que autorizam a circular, pelo que se apropriam e transformam. No Brasil pensar a partir da escritora francesa significa assumir um dado lugar político, social e acadêmico, porque esta é uma outra estratégia do lugar-autor. Da mesma forma que a escritora francesa consegue mobilizar dadas ideias e teorias, no Brasil as escritoras que nela se inspiravam também fizeram circular dadas leituras, dados conceitos. É a leitura do *Segundo Sexo* em grande medida o que mobiliza e o que justifica Beauvoir para as escritoras do Brasil.

Pensar então a escrita de Beauvoir a partir de Foucault, significa pensar a relação dessa linguagem com o que se repete ao longo de seus textos, ver também aquilo que se torna seu duplo, seu desaparecimento, sua morte. E esse é outro ensinamento sobre a autoria, que é criação, mas também morte e desaparecimento do que entra na maquinaria da escritura. As memórias de Beauvoir apontam para um mundo que a cada página desaparece, seus escritos se pensarmos com Foucault parece querer recuperar o tempo perdido, mas a escrita só consegue assinar o que falece na própria obra. A linguagem como nos sugere Foucault é também um jogo com a morte, ela ao mesmo tempo que repete, é dupla, aceleração da dispersão e perda de algo, perda da própria unidade-sujeito¹²

Este trabalho pretende pensar a constituição da autoria de Beauvoir, mas principalmente, ver como sua obra foi lida no Brasil, que regularidade discursiva ela impões às apropriações feitas de seus escritos em meados dos anos 60 e 70. A análise da autoria permite localizar não apenas a construção de uma dada unidade, mas também suas dispersões, contradições. Desse modo, a análise dos textos da autora e da leitura feita dos seus escritos são momentos diferenciados na pesquisa, mas ambos não só instituem a autoria, mas as regras de formação das mesmas. Seguir Beauvoir,

inspirar-se nela em meados de 60 fazia parte dos embates das feministas que também lutavam pelo lugar jurídico e institucional e jurídico do autor.

A autoria de Beauvoir, mas também as autorias de quem nela se inspiram, são significantes não só pelo conteúdo que contém, mas pelo que autorizam a circular, pelo que se apropriam e transformam. No Brasil pensar a partir da escritora francesa significa assumir um dado lugar político, social e acadêmico, porque esta é uma outra estratégia do lugar-autor. Da mesma forma que a escritora francesa consegue mobilizar dadas ideias e teorias, no Brasil as escritoras que nela se inspiravam também fizeram circular dadas leituras, dados conceitos.

O movimento feminista desde os anos 60 no Brasil buscou encontrar a autora Beauvoir nos seus escritos, projetou-se nele também. A crítica de Deleuze é fundamental para o questionamento desse projeto quando define o livro como uma pequena engrenagem, uma maquinaria exterior muito mais complexa. Escrever é um fluxo entre outros, sem nenhum privilégio em relação aos demais, e que entra em relação aos de corrente, contra-corrente, de redemoinho com outro fluxo¹³.

O livro é assim uma luta contra o olhar de medusa que petrifica e imobiliza o leitor, o livro é a ruína dos olhos de pedra, a vitória de Perseu, que com suas sandálias aladas esvoaça, ramifica o tempo, cruza lutas e tensões. Com Foucault também aprendemos a questionar toda leitura pedagogizante da obra. Citando Georges Bataille. Ele questiona o EU da autoria, ao invés de pensar uma obra compositora de subjetividades, pensa a experiência da obra como uma experiência com a qual o sujeito se decompõe., assim não há sujeito, mas uma atividade criadora¹⁴.

Quando Beauvoir lança *O Segundo Sexo* na França, nos Estados Unidos. Margaret Mead lança *Macho e Fêmea*, com propostas também questionadoras do lugar do feminino e do masculino, mas diferente de Beauvoir defende a maternidade como afirmação da feminilidade. A trajetória de Beauvoir em grande medida explica a visibilidade de suas obras. O engajamento com a política de esquerda até certo momento de sua vida, a forma como escolheu se relacionar com seu companheiro Sartre, expondo um

12 FOUCAULT, Michel. 2006. Op. cit. p. 268.

13 DELEUZE, G. Op. cit. 1992, p.17.

14 FILHO, Osvaldo Fontes. A escrita do sujeito no livro-experiência de Foucault. Rio de Janeiro: Dossiê Foucault, ISSN 1982-1225, 2007, p. 4.

15 CHAPERON, S. Op. cit., p. 39.

16 Idem, p. 42

17 KOSELLECK, R. Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos Rio de Janeiro: PUC, 1979, p. 97.

casamento não convencional, as passeatas nas ruas, as lutas em favor das mulheres, inclusive a conquista da legalização do aborto, a mobilização cultural que liderou em Paris, sendo conhecida como aquela que tinha a chave de Paris em suas mãos, a defesa filosófica do existencialismo, fato que a colocava num nível intelectual diferenciado das demais escritoras em vários outros acontecimentos, parecem tornar possível a visibilidade de suas obras, especialmente *O Segundo Sexo*. Beauvoir arranja-se desse modo em diferentes espaços e esses arranjos não são possíveis sem as críticas que os sustentam e que dão visibilidade à autora. Ao analisar uma das polêmicas na França sobre a autora, Chaperon escreve: *Entre os mais ferozes adversários de O Segundo Sexo, que utilizam a ironia e a dissolução para invalidar sua obra (...) se encontram a direita católica e gaulista e a esquerda comunista*¹⁵. Ainda sobre um dos críticos da obra citada na França a autora cita André Rome, que afirmava nos anos quarenta: *O Segundo Sexo é um manual de egoísmo erótico, recheado de ousadias pornográficas; não passa de uma visão erótica do universo, um manifesto de egoísmo sexual*¹⁶.

Complementando essa análise da autoria de Beauvoir e das autorias que são impactadas por ela, faz-se necessário nessa pesquisa também, analisar algo que funda seu lugar de autor, mas também sua percepção de mundo na sua época. Koselleck ao trabalhar a análise dos conceitos a partir de uma problematização da linguística, mesmo se situando no campo da história social, traz importantes reflexões para pensar essa pesquisa. Para o autor os conceitos carregam uma luta, um embate, mobilizam uma dada forma de sentir o presente, o passado, o futuro. Usando uma citação de Epiteto, ele diz: *De acordo com uma conhecida frase de Epiteto, não são os fatos que abalam os homens, mas sim o que se escreve sobre eles (...)*¹⁷

Koselleck enfatiza a importância da constituição da linguagem que nomeia e mobiliza ideias e práticas numa dada sociedade. Teoria que contribui para esse trabalho no sentido de pensar como uma intelectual elabora, recorta, circula dadas ideias e como as mesmas também são recortadas por um outro grupo de intelectuais em outra cultura, fazendo funcionar os conceitos, a linguagem.

Através do engajamento intelectual e político de Beauvoir e de seu companheiro Sartre, muitos conceitos foram atualizados e circulados em suas obras: existencialismo, socialismo, comunismo, corpo, feminino, capitalismo. Evidente que não foram criados pelo casal intelectual francês, mas assumem sentidos diferentes quando são defendidos por suas autorias. A discussão de Beauvoir em torno de mulher, de corpo, de sexualidade ganha um outro sentido e reorienta todas as práticas feministas da segunda metade do século XX, inclusive no Brasil, um grupo de feministas na Bahia, fundadoras do NEIM- Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, por exemplo, é criado principalmente a partir da teoria de Beauvoir.

Com Koselleck se torna possível ver, compreender como as palavras ou mesmo conceitos que circulam no cotidiano se transformam quando usados de dada forma e para dizer algo em uma dada época e espaço. É preciso pensar assim os embates e as lutas que os conceitos mobilizados por Beauvoir materializam, mas principalmente, compreender o que os conceitos apropriados pelas escritoras brasileiras passam a mobilizar no Brasil. ***O que muda? Que outros sentidos assumem os conceitos de revolução feminismo, de existencialismo e outros na escrita do Brasil?***

Sabemos que em meados dos anos 60 no Brasil, a vinda do casal Sartre e Beauvoir aprofunda uma relação de espelhamento que já vinha sendo criada por intelectuais como Jorge Amado, Amoroso Lima e outros¹⁸. Na passagem do casal pelo Brasil, Beauvoir especificamente, se afirma admiradora da cultura no Brasil pela movimentação intelectual de artistas, estudantes, acadêmicos. Momento, também, em que as esquerdas estão num embate contra um dado modelo de elite, de conceitos considerados burgueses. A passagem do casal francês pelo Rio de Janeiro, Recife, Bahia, São Paulo, marca algumas práticas intelectuais, as que estavam pondo em questão a cultura burguesa no país.

A escrita de Beauvoir se divide em três estilos: ensaios, memórias e literatura, que tratam de temas os mais diversos. A literatura no geral abrange histórias de mulheres questionadoras, como é o caso de A

18 ROMANO, Luiz Antônio C. A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, São

Paulo: FAPESP, 2002, p. 35

19 BEAUVOIR, S. Memórias de uma moça bem comportada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

convidada, As Belas Imagens e Mulher Desiludida, obras que tematizam o feminino e suas lutas contra a velhice, o suicídio, embora também tenha criado o romance *Quando o espiritual domina*, obra que a autora investe mais numa explicação menos materialista. Sobre suas memórias, estas tratam de sua vida desde a vivência familiar na infância, na juventude, das amizades, como vai escrever no livro *Memórias de uma moça bem comportada*¹⁹, no qual narra a maneira como foi educada, a história de sua vida familiar e acadêmica. As outras memórias são sobre suas vivências amorosas e acadêmicas com Sartre, este na verdade ocupou longas páginas de suas memórias, tornou-se livros, como acontece em *Cartas a Sartre* e *A cerimônia do adeus*. Mas suas memórias também materializam outras experiências de amor, sua e de Sartre, *Cartas a Nelson Algren* vem tratar de seu romance com o americano com quem vivenciou outras relações com a política, a academia e com quem trocou outros ideais de revolução.

São linhas múltiplas de tempo e de espacialidades que cruzam suas obras, são memórias - se pensarmos com Deleuze ao analisar *A Recherche* de Proust – que nos aparecem movidas por signos, esses signos cruzam diferentes temporalidades, diferentes espacialidades. A busca então não é pelo sujeito unitário, pela verdade do sujeito, mas por todas essas regras discursivas que dão vida ao sujeito Beauvoir, que funcionam como um lugar de busca de si, de morte de si, de aprendizado de si. Não se trata da verdade de uma vida, mas de todo um jogo enunciativo de verdades, enunciados que simulam a vida, simulacros, porque nas memórias o grande jogo é o jogo com a morte, o medo da morte, da perda, de tudo o que o aceleração do tempo não preserva. Eis o aprendizado do tempo que nas escritas de Beauvoir acontece, porque o que se perde é o que se vai aprendendo, as memórias da autora trazem esses signos. Analisar Beauvoir sugere seguir a análise deleuzeana, quando a discussão da *Recherche* o faz pensar numa busca muito mais do que uma simples recordação, trata-se, sobretudo, de um aprendizado de uma mulher de letras e aprender nesse sentido está relacionado aos signos. Desse modo: *aprender é, de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitissem*

*signos a serem decifrados, (...) tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos(...)*²⁰.

Como suas memórias foram lidas, como esses signos que passeiam na saudade, na ansiedade, na angústia e amor de suas palavras são interpretados em outro espaço de tempo, em outra geografia política? Que outras sensibilidades são investidas em suas obras a partir da relação de subjetivação e des-subjetivação dos códigos de seus textos? No Brasil as escritoras dos anos 60 se familiarizam com seus conceitos de mundo, que signos são apropriados nessa relação? Como essas outras autorias significam Beauvoir e seu aprendizado no tempo.

Foram, porém, os ensaios de Beauvoir, principalmente a escrita do *Segundo Sexo* que mobilizou grupos de feministas espalhados pelo mundo, é pois, sobre esse escrito que um número de feminista se apoia, outras, como a pós moderna Judith Butler questiona. Duas questões, porém, divide um grupo de feminista que se apoia na leitura de *O Segundo Sexo*, de um lado as que acreditam que essa obra é revolucionária, que incita a mulher a perceber seu lugar oprimido e que deve sair dessa situação para buscar a libertação. Do outro lado, o grupo de feministas, que defende a ideia de que a mulher em Beauvoir para se libertar precisaria ascender à situação do homem, por isso para esse grupo ela é uma escritora falocêntrica.

Essas são algumas apropriações do universo da escrita da autora, essa pesquisa quer pensar exatamente essa leituras, mas ver também que outras leituras são feitas dos romances e das memórias da autora. Se os ensaios conseguem ter mais visibilidade, isso demonstra em parte o que a sociedade dos anos 60 no Brasil escolhia para ler, escolhia como obra-resposta à revolução e discussão filosófica e política que esperavam.

Mas no Brasil existe ainda outro espaço que cria outra dizibilidade sobre Beauvoir, trata-se dos periódicos que antes da vinda do casal Sartre e Beauvoir, durante a passagem dos mesmo e depois criaram olhares, fizeram circular as obras, as idéias, as percepções de mundo dos mesmos. Jornais como *Correio*

20 DELEUZE, G. Signo e Verdade. In: ____ Proust e os signos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.4.

21 Filho, Osvaldo Fontes. Op. cit., p. 176.

da Manhã, *Revista Brasileira de Literatura* (Bahia), *Diário de Pernambuco* (Recife) *Útima Hora* (Rio de Janeiro), *Pasquim* (Rio de Janeiro), *O Globo* (Rio de Janeiro), *O Estado de São Paulo* (São paulo), *O Cruzeiro* (Rio de Janeiro), *Manchete* (Rio de Janeiro), *Jornal do Commercio* (Recife), *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), *Folha de São Paulo* (São Paulo) e outros, nos quais predomina em maior quantidade artigos de Sartre, mas também de Beauvoir, onde ambos escrevem suas preocupações com a revolução social e outras questões, trata-se nesse sentido de outras apropriações feitas no Brasil sobre a autora.

Da análise desses documentos supracitados, é preciso aqui ressaltar a importância dos estudos de Paul Ricouer para pensar o documento, a escrita da história que fixa no arquivo o que deve ser lido sobre dados acontecimentos, os procedimentos que escolhem o que deve ser lido e como deve ser lido. Conforme pensa Certeau, para Paul Ricouer a história é uma narrativa, e a narrativa é uma ação que se realiza a partir de procedimentos. A narrativa comporta uma ação que vai culminar no texto e este vai culminar em ação.

Ricouer discute uma questão fundamental para pensarmos a história e sua relação com o passado, quando escreve a ideia de que história não é memória e que estas são maneiras de lidar com o passado, quando ao mesmo tempo afirma que o esquecimento é também um produção da história²¹. Os textos são experiências com o tempo e num dado espaço, mas tempo e espaço também são maneiras de ver e dizer uma época, o que implica dizer que é fundamental pensar o procedimento que narra, que institui, que localiza, que torna o dito, ao mesmo tempo que cria o silêncio.

Os espaços e tempos são reconfigurados quando instituídos, porque esta é inclusive uma das funções da narrativa, atribuir um dado sentido ao tempo e espaço que inscreve. Da mesma forma, aquilo que aparece como testemunho, trata-se de uma dada ótica, de um olhar sobre o que está sendo narrado. Ricouer nos ensina a pensar que o documento é uma produção do discurso e da prática do arquivo, o documento é assim instituído a partir do que uma época escolhe como verdade, como acontecimento.

Mas o documento, ressalva, Ricouer, é um filho órfão, porque o autor defende a ideia de que o pesquisador/leitor é um outro/novo momento de significação do que se fez documento, é a reconfiguração, a abertura que carrega todo texto, o de se entregar ao leitor, não de forma livre, em que o que lê também impõe uma outra ação, outra noção de história. E nesse sentido, ergue-se uma outra operação, aquela que se realiza a partir de uma experiência básica, de memorizar e fazer esquecer, estes procedimentos, para Ricouer hermenêutico, fazem parte de todo processo de pesquisa, de escrita da história.

Esta discussão teórica amplia o leque de possibilidades para pensar a escrita de Beauvoir e sua recepção no Brasil, principalmente os arquivos periódicos, que nos anos 60, fizeram da passagem de Beauvoir e Sartre, os acontecimentos mais discutidos daquele momento. Nesse período o casal é posto como o modelo de intelectualidade. Na França questionavam dadas estruturas, desse modo, a partir da leitura desses escritos no jornais, é fundamental perceber a leitura do intelectuais e escritores brasileiros em torno da autoria de Beauvoir. **Que sentido assume o engajamento político e de esquerda da da autora para os intelectuais engajados no Brasil. Como o jornais a “representam”? Como os arquivos operam com a narrativa sobre Beauvoir? Que imagens produzem sobre ela? Que narrativas memorizam a respeito de seus escritos, mas ao mesmo tempo o que é silenciado nesse jogo com o a memória de uma vida, de uma obra, de uma autoria?**

A escrita de Beauvoir fala de revolução, de mudança, de violência, de poder, de feminino, de sexualidade e tantos outros conceitos no momento em que escreve, faz circular conceitos que a antecedem, porém, de forma singular os mobiliza (re)criando sua produção de si. Os escritos de Beauvoir não é apenas de uma feminista, feminismo é resultado de uma dada leitura, a luta da autora é um daqueles combates com a história, como uma mulher de letras, combateu o mundo, o seu mundo e serviu de espada para outros combates em outras sociedade e culturas.

Simone de Beauvoir, como todo sujeito que se sujeita à produção de si, é um universo complexo,

22 PERROT, M. Escrever uma História das Mulheres – relatos de uma Experiência. Cadernos Pagu. São Paulo, Campinas: Unicamp, 1995, p.1

pela escolha memorialística que constitui uma dada identidade da autora, pela escolha dos que a lendo e a interpretando atribui a autora uma dada definição de texto e vida. Beauvoir é uma escrita de si, é uma escrita que joga com códigos do social, mas ao mesmo tempo traça pra si uma individualidade, uma singularidade, uma vida de escritora com dadas especificidades, e no Brasil, ele parece servir exatamente a quem escolhe também uma dada produção de si, quem escolhe pra si uma obra que se diferencia das demais.

Beauvoir escreve sua percepção de mundo nos romances, nos ensaios nas memórias, através desses escritos ver como foi possível ela escrever daquela forma naquele contexto, ver como foi possível que sua escrita de si, influenciasse outras identidades e produções de si no Brasil nos anos 60, momento em que a escrita de Beauvoir assume um caráter de “vida exemplar”, pelo engajamento e postura intelectual, pelo combate, pela história que escolheu pra si. Eis, então, o sentido, desse texto, dessa pesquisa, pensar como se produz a si mesmo, e como essa produção leva a outras produções de si.

Este trabalho trata de uma história da mulher, de uma mulher escritora, mas não numa perspectiva naturalista que considera o feminino apenas como uma campo de batalha contra um falo abstrato-social, mas numa perspectiva crítica da própria história das mulheres. Como sugere Perrot ao analisar a proposta da história das mulheres, alegando que essa história “significa criticar a própria estrutura de um relato apresentado como universal, nas próprias palavras que o constituem, não somente para explicar os vazios e os elos ausentes, mas para sugerir uma outra leitura possível²².”

Há uma história da história das mulheres. Se até a segunda metade do século XX, não se discutia o sujeito-mulher na história, é com os movimentos feministas localizados principalmente nos anos 70 que se começa a pensar uma mulher-sujeito da história. O debate entre existencialistas, literárias, diferencialistas cria um espaço de reflexão ao lado das militâncias que já não suportavam o silêncio sobre as mulheres na história. Mas Judith Butler, inserida no debate dos anos noventa, posicionando-se contra a crítica marxista, essencialista da história, ressalta a ideia de

que é preciso desmontar o sujeito-feminino que desde os anos 70 ronda como um espectro na história das mulheres, embora já se tenha discutido a ideia das diferenças entre as próprias mulheres. Para Butler urge descaracterizar o sujeito feminino, o sujeito-mulher, é preciso assim desconstruir toda ideia de um sujeito que compões a história das mulheres, ressaltando que *desconstruir não é negar ou descartar, mas pôr em questão e, o que talvez seja mais importante, abrir um termo, como sujeito, a uma reutilização e uma redistribuição que anteriormente não estavam autorizadas*²³. Para a autora tomar como ponto de partida o eu mulher, identidade do feminino para análise é normalizar o próprio conceito, significá-lo dentro da norma que o criou. Desse modo, sugere a autora que liberemos a categoria mulheres de um referente fixo, pré-determinado. É preciso dessa maneira, mobilizar os conceitos, quebrar a ideia de uma referencia ou significado mulher, mulher-mãe, mulher-escritora e outro²⁴.

É nessa perspectiva de crítica ao sujeito, sujeito a priori que pretendo pensar as escritas de Simone de Beauvoir e o impacto de seu pensamento nas escritoras brasileiras. É preciso haver uma perda da certeza epistemológica, que pensa que entre os escritos e o autor há um encontro com a verdade do sujeito que escreve, é preciso libertar aquele da morada metafísica²⁵.

O que permite os escritos de uma mulher? O que permite os escritos de Beauvoir? Haverá apenas o olhar de medusa que sugere uma busca feminista? O sexo, sugere Butler, é uma categoria normalizadora, que acaba impondo uma dada uniformidade aos corpos. Por isso, tornar o conceito móvel repeti-lo, mas com finalidades diferentes é uma maneira de sugerir outras discussões para os escritos de uma mulher.

Para Butler, a pós-modernidade já é uma questão, veio romper, colocar em crise o paradigma moderno da razão e redirecionar o recorte dos objetos, a direção do que problematizar.. Se ela não traz uma definição exata dos conceitos é porque torna possível a mobilidade dos mesmos para a escritura do diferente, do que ainda não foi possível dizer, já que não opera com a episteme da definição e da certeza. Pensar a

23 BUTLER, J. Fundamentos contingentes: os feminismos e a questão do Pós-Modernismo. Cadernos Pagu (11), São

Paulo, Campinas: UNICAMP, 1998, p.3

24 Se há um medo de que, por não ser mais capaz de tomar como certo o sujeito, seu gênero, seu sexo ou sua materialidade, o feminismo vá afundar, talvez seja interessante examinar as consequências políticas de manter em seus lugares as próprias premissas que tentaram nossa subordinação desde o início. (BUTLER, Op. cit. 1998, p. 36).

25 Se uma desconstrução da materialidade dos corpos suspende e problematiza o referente ontológico tradicional do termo, ela não congela, bane, torna inútil ou esvazia de sentido seu uso; ao contrário, proporciona as condições para mobilizar o significante a serviço de uma produção alternativa. (Idem, p. 39).

26 ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. *Entre a História e a liberdade – Luce Fabbri e o Anarquismo contemporâneo.*

Cadernos Pagu, São Paulo, Campinas: UNICAMP, 2001, p. 369

biografia de um indivíduo não se trata mais de dar conta de uma trajetória linear, ao contrário, mas de pensar as brechas que dão conta dos fios de tensões, de contradições muito mais do que da linearidade, trata-se muita mais de por em dúvida uma vida e sua obra, do que responder a vida e a própria obra, como se ambas fossem fruto de uma única relação. O gênero biográfico a partir dos escritos sobre subjetividade de Michel Foucault, Gilles Deleuze, tornaram possível a análise sobre um indivíduo de modo diferenciado, fazendo pensar os processos de subjetivação de um dado contexto a partir de uma fala, escrita e produção de si, fazendo pensar ao mesmo tempo as tecnologias de produção de subjetividade de uma sociedade. A vida de um indivíduo traz à luz da história as tensões, os conflitos e embates de uma época, ao mesmo tempo os campos de lutas, os sonhos, os desejos de liberdade que foram possíveis ser vivenciados em uma trajetória de vida.

Ao analisar o livro de Margareth Rago sobre a anarquista Luce Fabbri, Durval Muniz sugere que através da análise de uma prática do passado, de um discurso, de uma trajetória do passado, esta nos ensina sobretudo porque recoloca este passado como problema para o presente, relançando as questões que este passado e que aqueles indivíduos se colocaram, as respostas que conseguiram elaborar, os impasses, as controvérsias, os conflitos vivenciados²⁶.

Os escritos de Beauvoir e a extensão de seu pensamento para além de uma discussão feminista, nos remete para outros campos e sugere outras questões. Como uma filósofa existencialista, como uma mulher que nasceu em uma família de costumes conservadores, mas ao mesmo tempo testemunha da própria falência das finanças dos pais, como testemunha de uma sociedade que vivenciou os traumas da guerra, seus escritos fala muito mais do que os traumas de uma mulher, de um gênero. Suas memórias trazem a preocupação de falar de si, principalmente porque a escrita de si é um escrever e mostrar-se ao outro, é como se quisesse que sua vida falasse dos dramas e das tramas de uma sociedade da guerra. Não são por acaso as viagens e registros dessas viagens de Beauvoir por outros territórios, seu deslocamento parece querer mostrar seu processo de desterritorialização,

sua fuga, mas ao mesmo tempo sua percepção de mundo diante de uma nação que começa a questionar, daí a crítica por isso ao patriarcado, porque via que ele comandava o mundo, a guerra. É do desejo de liberdade que também escreve Beauvoir, mas porque seus escritos e os escritos sobre ela amarraram-na a uma discursividade apenas feminista? Por que sempre que se menciona Beauvoir não se menciona a palavra liberdade, mas sempre feminismo e feminismo da forma que é colocado em muitos momentos ao invés de libertação significa amarra, prisão a uma situação sexista, de Gênero. Teria sido Seria esse o efeito que pretendia a corrente feminista?

Os discursos são simulacros, performático, metáforas que tentam dizer o mundo, essa é uma maneira de percebermos quão complexa é a busca pelo sujeito no discurso. Diferente é a condição da pesquisa que pretende pensar as condições de possibilidade de uma obra e de um discurso se tornar visível, dito. Pensar a dimensão retórica do discurso de Beauvoir é também perceber esse exercício simulacro, metafórico e retórico que o autor cria para dar sentido ao mundo e à sua obra.

Se no século XIX o discurso retórico foi questionado pela busca cienticista do positivismo, a segunda metade do século XX retoma a discussão retórica como uma outra possibilidade de conhecimento. Michel Meyer define três, entre outras, principais características da retórica, que seriam: o *páthos* (o jogo de linguagem com o auditório), o *lógos* (os argumentos) e o *éthos* (os princípios do orador). Os discursos têm uma dimensão retórica, necessitam ser epidítico, o que equivale dizer, que precisam ser agradáveis, emocionar. Aristóteles afirmando a semelhança entre retórica e poética, afirma: O discurso deve ser agradável sem obrigatoriamente ser verdadeiro, deve suscitar a aprovação moral do auditório – e, seria possível dizer, do espectador e do leitor²⁷.

A discussão da retórica literária possibilita pensar os efeitos discursivos de Beauvoir. A autora se desloca em três estilos, a memória, o ensaio, a literatura, mas toda discursividade é retórica e por ser retórica tem o objetivo de agradar, emocionar, agradar, essa dimensão anula em definitivo a explicação essencialista e muitas vezes sexista de uma dada autoria, quando

27 RICOUER, Paul. A fase documental. In: A memória, a História, o esquecimento. São Paulo, Campinas: UNICAMP, 2007, p. 24.

28 O Lógos concentra todas as funções, o éthos e o páthos não são afetivos, uma vez que ninguém fala pessoalmente a alguém concreto (...) o éthos e o páthos são construídos no texto e pelo texto. O questionamento feito pelo auditório (páthos) e o ponto de interrogação do questionamento (éthos) ficam no interior no texto. O que pertence ao domínio de um contexto exterior, no uso habitual da linguagem, é nesse contexto um contexto (...) (MEYER, M. A Retórica. São Paulo: Ática, 2007, p.27).

pensamos nessa dimensão performática que carrega todo discurso, escrito ou falado. E se é possível pensar a obra da autora supracitada como sexista que se entenda por sexismo uma argumentação estratégica direcionada a um dado grupo e não pelo fato de explicar o sujeito autor.

Qual seria então a diferença entre a retórica falada e a retórica literária? Como pensar essa dimensão na obra de Simone de Beauvoir?

Michel Meyer ressalta que diferente do discurso pronunciado em que se tem diretamente ligados locutor e platéia, a obra literária assume uma dada especificidade²⁸. *O Segundo Sexo* não é a primeira obra da autora, mas é a primeira que inicia uma discussão polêmica na França sobre sexo, corpo, sexualidade, mulher, homem maternidade e outros temas. A obra acima foi dividida em dois volumes, o primeiro *Fatos e Mitos*; o segundo volume *A Experiência Vivida*. Os dois volumes inicia-se estrategicamente com epígrafes de autores antigos e modernos (Pitágoras e Kiekergard) nas quais o tema é a inferioridade da mulher. O início da obra enuncia sua proposta.

No primeiro volume (Mitos e Fatos) a autora discute como a mulher foi pensada em diferentes discursos cientificistas (biologia, psicanálise, marxismo, História, literatura e outros). Em sua obra literária *A Convidada*, a autora já tinha iniciado esse tipo de discussão, a busca da mulher pela liberdade. Já no ensaio mencionado, o trabalho é discutir como as disciplinas das ciências humanas criaram um projeto de silenciamento da mulher ao longo da história. A introdução desse primeiro volume talvez seja muito mais persuasivo do que a própria obra, momento em que a autora vai questionando o que é uma mulher, ao mesmo tempo escrevendo a ideia de que um homem não escreveria uma obra como a que a mesma escreve, pelo fato de ao homem já estar tudo quase pronto e dado socialmente, o que mostra a busca pela incitação da plateia, no caso, do *phátos*.

O segundo volume da mesma obra radicaliza o projeto inicial. A famosa frase inicia sua segunda parte da pesquisa: (...) *ninguém nasce mulher, torna-se mulher*²⁹. Este é o momento de crítica ao projeto epistemológico que definiu a mulher como o outro do homem. Nesse momento a autora vai argumentando a

ideia de que a mulher enquanto o outro do homem, é um aprendizado cultural e por isso passivo de crítica. É nessa obra em que a autora discute a construção social da mulher e as funções que foram criadas para ela, como exemplo, a maternidade. O fim da obra é a proposta de que a mulher pode ser livre, fazer-se livre.

Esses escritos de Beauvoir representam naquele contexto suas lutas, seus embates e as tensões que acabaram criando para ela uma dada visibilidade. Em uma sociedade em que a guerra tinha destruído os sonhos nacionalistas, uma sociedade marcada de memórias de dor, de pobreza, momento também em que as mulheres começam a precisar trabalhar fora de casa, o discurso da autora acaba sendo visto por uma parte das mulheres como o exemplo de libertação. O éthos da autora e as escolhas pelo não-casamento, não-filho, amores contingentes, a escolha de ser mais pública do que privada, enfim, o lógos junto ao éthos agrada parte do phátos francês e de outras culturas, excetuando a ala católica conservadora e alguns extremistas de esquerda que começaram a questionar a autora quando esta optou pela defesa da Argélia e não da França após a segunda guerra.

Após a publicação do Segundo Sexo e de outros ensaios que não tematizam apenas a mulher, a autora envereda pela produção de suas memórias. Talvez com essa outra produção a autora quisesse fazer de sua vida uma justificativa para sua obra, talvez por isso muitas autoras tentam encontrar na obra a vida da autora, quando na verdade essa é uma estratégia que faz parte da autoria, da experiência limite com a obra. A polêmica do Segundo Sexo incitou a autora a compreender o próprio processo de como ela se tornou mulher, daí o título da obra "*Memórias de uma moça bem comportada*", na qual a autora começa com a história de sua infância e numa perspectiva linear vai se explicando ao longo de suas obras os limites e disciplina da educação, as fugas da juventude ao cristianismo e à doutrina católica, finalizando com a história de como conseguiu se libertar das amarras da disciplina doméstica, como se dessa forma a autora quisesse comprovar a través de suas memórias a tese de libertação do livro *O Segundo Sexo*. Em outras memórias vai ficar claro que essa mulher libertária é na verdade um universo de contradição, pelas

29 BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 9.

30 DELEUSE, G. 1992. Op. cit., p. 64.

31 BIRMAN, J. O si mesmo e os outros - intersubjetividade e constituição do sujeito In: _____ Entre o cuidado e

o saber de si. Rio de Janeiro: Graal, p. 124.

32 A ideia de uma experiência-limite, que arranca o sujeito a si próprio, eis o que foi importante para mim na leitura de Nietzsche, de Bataille, de Blanchot, e que fez com que, por mais tediosos ou eruditos que fossem meus livros, sempre os tivesse concebido como experiências diretas visando me arrancar a mim mesmo, me impedir de ser o mesmo (FILHO. Op. cit. p. 43).

angústias vividas com os relacionamentos de Sartre; a mulher libertária do ensaio sexista cede lugar em outras obras a uma mulher marcada pela saudade e dor de dividir seu homem com mulheres mais novas e mais sedutoras que a autora que defende acima da história a libertação da mulher.

Pensar a produção de si nos textos de Beauvoir significa pensar muito mais os recorte, as brechas, que mapeiam suas trajetórias do que acreditar que entre suas vidas e suas obras há uma relação de explicação. Pensar a produção de si significa compreender a própria historicidade dessa prática. No Ocidente a produção de si através das biografias e autobiografias se caracterizam numa tentativa de fazer desses escritos não só uma busca pela verdade de si, mas uma produção de verdade de si para o outro. Desse modo o discurso é organizado para uma dada função da verdade, projeto que em grande medida se diferencia da produção de si dos gregos antigo. Os *Hypomematas*, por exemplo, era muito mais um caderno de registro, de atividades, de livros lidos, numa busca e cuidado de si³⁰. Escrever, anotar, pensar e refletir necessariamente para se cuidar, mas a preocupação não era produzir sobre si e para o outro uma da da verdade, como vai ocorrer no século XVII em que se tem o marco dessa produção com *As Confissões* de Rousseau, no qual é visível a desterritorialização do autor pela verdade que ele quer deixar apar o leitor. Evidente que o cuidado de si só é possível a partir do cuidado com o outro, como sugere Birman citando Foucault “o cuidado de si não significa o descuido do outro”, mas nesse momento a busca é muito mais por um autogoverno do que escrita de uma verdade de si, é muito mais uma busca pelo controle de si, do que a verdade de si para o outro³¹.

Trata-se aqui de pensar as memórias de Beauvoir muito mais como livros-experiências do que livros-verdades. Tal proposta, ao invés da unidade da função do autor, evoca a destruição da soberania do sujeito escritor. A experiência do escritor ao invés de conduzir ao caminho do autor, desmonta-o, dissolve-o. Mas o que Foucault chama de experiência nesse sentido?³²

Ao invés de petrificar o segundo sexo como o faz o olhar de medusa, talvez seja necessário voar nas san-

dálias de Perseu e pensar no processo de mutação de Beauvoir em suas obras e no impacto dessa mutação nas escritoras brasileiras que fizeram dela o mito do feminismo. É preciso por isso questionar a soberania da linguagem enquanto significante que traduz o mundo as coisas, porque como sugere Bataille³³

Ao invés de preenchimento é preciso pensar no vazio que deixa também as obras, as memórias de Beauvoir, e no Brasil esse vazio parece sempre ser despendido, como se a linguagem da obra respondesse e fosse o próprio ganho da autora e suas reflexões sobre a mulher. Ao invés de uma escritura-singularidade, Bataille aponta uma escritura-deserto, que é uma forma de questionar também uma dada soberania interior-autora, por uma razão simples, a linguagem ficciona, e nesse sentido, significa compreender que o que o sujeito fala não é dele, ele transpõe essa experiência.

Despetrificar o olhar de medusa, escolher as sandálias aladas de Perseu e assegurar-se em outros voos, foi este o objetivo deste texto, que propõe pensar muito mais os vazios da obra de Beauvoir e seu impacto nas escritoras brasileiras, pensar o vazio que cria toda obra e dispersão que fabrica a subjetividade-autor. Desse modo, não deixa de ser este texto mais uma ficção, por ser saber que entre Beauvoir e as obras que produziu, Beauvoir e as autoras que nela se inspiraram há uma experiência-limite, limite da própria linguagem, a qual, diferente do que pensa o discurso essencialista, não consegue dizer a verdade, mas falar das tensões e das vontades de verdade que cerca toda discursividade. Eis a experiência-limite de Simone de Beauvoir.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Entre a História e a Liberdade*- Luce Fabbri e o Anarquismo contemporâneo. Cadernos Pagu, São Paulo, Campinas: UNICAMP, 2001.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. São Paulo: Linoart, 1949, v. 1.

_____. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, v. 2.

33 A linguagem não é adequada (...), a linguagem não pode exprimir, por exemplo, uma coisa extremamente simples, a saber, a noção de um bem que seria um gasto a se constituir em uma perda pura e simples (...). A linguagem fracassa em exprimir essa ideia porque é feita de proposições que fazem intervir identidades; e, a partir, do momento em que, por força da soma demasiada a ser despendida, é obrigada a não mais despende para o ganho, mas despende por despende; ela não mais pode se manter no plano da identidade (apud, FILHO, 2007. p.10)

_____. *Memórias de uma moça bem comportada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. *A convidada*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

_____. *O sangue dos outros*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1969.

_____. *Todos os homens são mortais*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. *Pyrrus et Cíneas*. Porto Alegre: Gallimard, 1944.

_____. *Por uma moral da ambiguidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. *América dia a dia*. Lisboa: Arcádia, 1947.

BIRMAN, Joel. O si mesmo e os outros – intersubjetividade e constituição do sujeito In:___ *Entre o cuidado e o saber de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: os Feminismos e a questão do Pós-Modernismo. *Cadernos Pagu* (11), São Paulo, Campinas: UNICAMP, 1998.

CHAPERON, Sylvie. Auê sobre O Segundo Sexo. *Cadernos Pagu* (12) – Simone de Beauvoir e os Feminismos do Século XX. São Paulo, Campinas: UNICAMP, 1999.

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: 34, 1992. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles. Signo e Verdade. In:___*Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FILHO, Osvaldo Fontes. *A escrita do sujeito no Livro-Experiência de Foucault*. Rio de Janeiro: Dossiê Foucault,

FOUCAULT, Michel. Loucura, Literatura e Sociedade. In:___*Foucault - Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos e Escritos)

_____. A Linguagem ao infinito; Debate sobre o romance; O que é um autor? In:_. *Foucault - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos e Escritos).

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In:____. *O que é um autor?* 6. ed. Lisboa: Nova Vega, 2006.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Três Facetas de uma Escritora. *Cadernos Pagu* (12) – Simone de Beauvoir e os Feminismos do Século XX. São Paulo, Campinas: UNICAMP, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado* - contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: PUC, 1979.

MEYER, Michel. *A Retórica*. São Paulo: Ática, 2007. (Série Essencial)

PERROT, Michele. Escrever uma História das Mulheres – relatos de uma experiência. *Cadernos Pagu*. São Paulo, Campinas: Unicamp, 1995.

RICOUER, Paul. A Fase Documental. In:____. *A Memória, a História, o Esquecimento*. Campinas, Unicamp, 2007.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. *A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir*. Campinas, SP: Mercado de Letras: São Paulo: Fapesp, 2002.

SARDENBERG, Cecília M. B. Um Diálogo Possível entre Margaret Mead e Simone de Beauvoir. In:____. *Um Diálogo com Simone de Beauvoir e Outras Falas*. Salvador: NEIM/UFBA, 2000. (Coleção Bahianas; 5).

Texto enviado em 08/11/2010. Aprovado em 12/05/2011.